

# O Livro de Daniel - Número Cinco

## *Setenta Anos*

Jeff Pippenger

2023-11-29

Jeoquim foi o primeiro dos últimos três reis de Judá, e, quando foi conquistado pelos babilônios, começaram os setenta anos de escravidão do reino do sul. Esses setenta anos identificam o período de tempo durante o qual a Babilônia, o primeiro reino da profecia bíblica, reinaria. No capítulo vinte e três de Isaías, a prostituta de Tiro seria esquecida por setenta anos simbólicos que foram profeticamente identificados como os dias de um rei. Na profecia bíblica, um rei representa um reino, e o único reino da profecia bíblica cujos dias somaram setenta anos foi a Babilônia.

Durante essa história, a prostituta de Tiro, que representa o papado, seria esquecida. Ao final dos setenta anos simbólicos, ela seria lembrada e sairia para cometer fornicção com todos os reinos da terra. A fornicção espiritual é a relação ilícita entre igreja e Estado. Ao final dos setenta anos simbólicos, o papado passaria a se relacionar com as Nações Unidas, representadas por todos os reis com quem a prostituta de Tiro comete fornicção ao final dos setenta anos simbólicos. O reino que reina durante os setenta anos simbólicos são os Estados Unidos, a besta da terra com dois chifres.

Os capítulos um a cinco de Daniel traçam a história dos setenta anos da Babilônia e, portanto, esses capítulos representam a história de ambos os chifres da besta da terra. Os capítulos quatro e cinco identificam o primeiro e o último rei da Babilônia e, juntos, esses dois capítulos identificam a história da besta da terra e de seus dois chifres. O juízo dos dois chifres, e da própria besta da terra, é representado pelo juízo do primeiro e do último rei. O juízo de Nabucodonosor foi o banimento por "sete tempos", enquanto ele viveu como uma besta selvagem por dois mil quinhentos e vinte dias, alimentando-se de erva e de orvalho. O juízo de Belsazar foi escrito na parede e equiparado ao número dois mil quinhentos e vinte, identificando assim que o juízo da besta da terra e de seus dois chifres é representado pelos "sete tempos" de Levítico vinte e seis. Isso se baseia no testemunho de dois reis, e as duas testemunhas representam o primeiro e o último.

Os "sete tempos" são a pedra de tropeço para o Adventismo e, portanto, não podem ser reconhecidos, embora estejam claramente ali — para aqueles que desejam ver. São o símbolo do juízo da nação (Babilônia) que reinou por setenta anos, e o símbolo do juízo para o reino que reina por setenta anos simbólicos. Quando William Miller apresentou seu entendimento dos "sete tempos" de Levítico vinte e seis, ele empregou os dois mil quinhentos e vinte dias de Nabucodonosor vivendo como uma besta em Daniel capítulo quatro como uma das testemunhas proféticas para sustentar os "sete tempos" de Levítico vinte e seis. Os "sete tempos" são tanto a pedra fundamental quanto a pedra de remate em Zacarias capítulo quatro. Jesus, a Irmã White, Isaías e Pedro identificam os "sete tempos" como a pedra que se torna a pedra angular. É a doutrina coroante da profecia bíblica, embora seja essencialmente despercebida por aqueles que professam ser os mensageiros do terceiro anjo.

Ao começarmos a considerar os primeiros seis capítulos do livro de Daniel, é importante reconhecer que, desde o início, os "sete tempos" são identificados. Quando Jehoiakim foi deposto pela Babilônia, começou o cativeiro de setenta anos. O livro de Crônicas explica por que foram levados cativos por setenta anos.

Zedequias tinha vinte e um anos quando começou a reinar, e reinou onze anos em Jerusalém. E fez o que era mau aos olhos do Senhor, seu Deus, e não se humilhou diante do profeta Jeremias, que falava da parte do Senhor. E também se rebelou contra o rei Nabucodonosor, que o fizera jurar por Deus; mas endureceu a cerviz e endureceu o coração, para não se voltar para o Senhor, Deus de Israel. Além disso, todos os chefes dos sacerdotes e o povo transgrediram muito, seguindo todas as abominações das nações; e profanaram a casa do Senhor, que ele havia santificado em Jerusalém. E o Senhor, Deus de seus pais, enviou-lhes seus mensageiros, levantando-se cedo e enviando, porque se compadeceu do seu povo e da sua morada; mas zombaram dos mensageiros de Deus, desprezaram as suas palavras e maltrataram os seus profetas, até que a ira do Senhor se levantou contra o seu povo, até não haver remédio. Por isso, trouxe contra eles o rei dos caldeus, que matou à espada os seus jovens na casa do seu santuário, e não teve compaixão de moço nem de moça, de velho ou de encurvado pela idade; a todos entregou nas suas mãos. E todos os utensílios da casa de Deus, grandes e pequenos, e os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros do rei e dos seus príncipes; tudo levou para Babilônia. E queimaram a casa de Deus, derrubaram a muralha de Jerusalém, incendiaram todos os seus palácios e destruíram todos os seus preciosos utensílios. E aos que escaparam da espada levou para Babilônia; ali foram servos dele e de seus filhos, até o reinado da Pérsia; para se cumprir a palavra do Senhor pela boca de Jeremias, até que a terra desfrutasse os seus sábados; pois, todo o tempo em que esteve desolada, guardou sábado, para cumprir setenta anos. Ora, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, proferida pela boca de Jeremias, o Senhor despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, de modo que ele fez uma proclamação por todo o seu reino e também a pôs por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem há entre vós, de todo o seu povo? O Senhor, seu Deus, seja com ele, e que suba. 2 Crônicas 36:11-23.

Os setenta anos de escravidão foram para cumprir a palavra de Jeremias: "até que a terra tivesse gozado os seus sábados, pois, enquanto esteve desolada, guardou o sábado." Há apenas uma passagem na Palavra de Deus, além do versículo em Crônicas que estamos citando, que se refere à terra "gozando" os seus sábados. Essa passagem está em Levítico, capítulos vinte e cinco e vinte e seis. O capítulo vinte e cinco dá a instrução sobre como permitir que a terra desfrute do seu descanso sabático, e o capítulo vinte e seis delinea a maldição de "sete vezes" se essas instruções da aliança não fossem seguidas.

O destino de Jehoiakim marcou o início do cativeiro, que é um elemento daquilo que Daniel chamou, no capítulo nove, de "maldição" e "juramento" de Moisés. Daniel entendeu a maldição dos "sete tempos", pois ele dá testemunho, no capítulo nove, de que foi por meio de seu estudo da profecia de setenta anos de Jeremias que compreendeu o número de anos que o povo de Deus seria escravizado na Babilônia.

No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros o número dos anos, de que falou o Senhor ao profeta Jeremias, que se cumpririam setenta anos nas desolações de Jerusalém. Daniel 9:2.

Daniel entendeu os setenta anos “pelos livros”, não apenas pelo livro de Jeremias. Ele também entendeu os escritos de Moisés, pois, em sua oração, ele identifica que a “maldição” dos setenta anos de escravidão era o “juramento” de Moisés. A palavra em Daniel, capítulo nove, que é traduzida como “juramento”, é a mesma palavra que é traduzida como “sete vezes” em Levítico vinte e seis. O cativo de Judá na Babilônia por setenta anos foi o cumprimento da maldição das “sete vezes”, apesar do que qualquer teólogo moderno possa argumentar. É claro como o dia, mas só se você estiver disposto a ver.

E o Senhor falou a Moisés no monte Sinai, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando entrardes na terra que vos dou, então a terra guardará um sábado ao Senhor. Seis anos semearás o teu campo, e seis anos podarás a tua vinha e recolherás o seu fruto; mas, no sétimo ano, haverá um sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor: não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha. O que nascer espontaneamente da tua colheita não ceifarás, nem vindimarás as uvas da tua videira não podada; porque é um ano de descanso para a terra. E o sábado da terra vos será por alimento: para ti, para o teu servo, para a tua serva, para o teu jornaleiro e para o estrangeiro que peregrina contigo, e para o teu gado e para os animais que estão na tua terra; tudo o que ela produzir será alimento. E contarás para ti sete sábados de anos, sete vezes sete anos; e o tempo dos sete sábados de anos será para ti quarenta e nove anos. Então farás soar a trombeta do jubileu no décimo dia do sétimo mês; no Dia da Expição fareis soar a trombeta por toda a vossa terra. Levítico 25:1-9.

É importante notar que, nas instruções sobre permitir que a terra descanse, os sete ciclos de seis anos de trabalho da terra e um ano de descanso da terra prosseguem até o quadragésimo nono ano, quando deveria haver um jubileu identificando o cumprimento de sete ciclos de sete anos. O ponto crucial a notar é que o toque da trombeta do jubileu deveria ocorrer no Dia da Expição, identificando assim que, quando o Dia da Expição antitípico começou em 22 de outubro de 1844, a trombeta do jubileu representando o ciclo de "sete tempos" deveria então soar. Os "sete tempos" que começaram quando Manassés foi levado para a Babilônia em 677 a.C., representaram dois mil quinhentos e vinte anos que se concluíram no Dia da Expição antitípico. A conexão só será ignorada por aqueles que não estão dispostos a ver. O ciclo de "sete tempos" está conectado com os dois mil e trezentos anos.

Também é importante ver que, nas instruções da aliança dos primeiros nove versículos de Levítico vinte e cinco, está a mais profunda ilustração do princípio dia-por-ano na Palavra de Deus. O prato de fábulas que os teólogos servem para manter o rebanho embriagado com vinho babilônico é que o juízo de "sete vezes" no capítulo vinte e seis é uma compreensão incorreta do significado hebraico da palavra traduzida como "sete vezes". Esse argumento não é verdadeiro. O significado hebraico da palavra contém plenamente, em sua definição, a justificativa para aplicá-la de maneira numérica, mas o argumento falho deles, que sustentam com uma premissa equivocada baseada em sua autoproclamada especialização em gramática do hebraico, é simplesmente uma manobra de

distração.

O juízo representado como “sete tempos” no capítulo vinte e seis é reconhecido pelo contexto da passagem, e não por alguns teólogos contemporâneos deturpando a língua hebraica. William Miller formou sua conclusão sem qualquer referência à língua hebraica, e a inspiração endossou sua compreensão como correta. Os anjos guiaram seu entendimento com base no contexto do capítulo em que se encontra o juízo dos “sete tempos”, e não na língua hebraica.

O contexto do capítulo vinte e cinco é aquele em que as instruções da aliança são identificadas, e o capítulo vinte e seis então apresenta uma bênção prometida por obedecer a essas instruções da aliança e, depois, identifica o que Daniel chama de "maldição de Moisés" pela desobediência a essas instruções.

O contexto é o tema do princípio de um dia por um ano na profecia bíblica. Esses versículos iniciais de Levítico vinte e cinco indicam que, na profecia bíblica, um dia representa um ano. No livro de Êxodo, Moisés identifica claramente a relação entre o descanso sabático do sétimo dia para o homem e os animais e o descanso sabático do sétimo ano para a terra.

Seis anos semearás a tua terra e recolherás os seus frutos; mas no sétimo ano a deixarás descansar e ficar em pousio, para que os pobres do teu povo comam; e o que deixarem, os animais do campo comerão. Do mesmo modo procederás com a tua vinha e com o teu olival. Seis dias farás o teu trabalho, e no sétimo dia descansarás, para que descansem o teu boi e o teu jumento, e o filho da tua serva e o estrangeiro se revigorem. Êxodo 23:10-12.

Naqueles três versículos, percebe-se que um dia de descanso para homens e animais equivale a um ano de descanso para a terra. No livro de Levítico, capítulo vinte e cinco, nos cinco primeiros versículos, encontramos a mesma estrutura gramatical do mandamento do sábado de Êxodo, capítulo vinte, versículos oito a onze.

E o Senhor falou a Moisés no monte Sinai, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando entrarem na terra que eu lhes dou, a terra guardará um sábado ao Senhor. Seis anos semearás o teu campo, e seis anos podarás a tua vinha e recolherás o seu fruto; mas no sétimo ano haverá um sábado de descanso para a terra, um sábado para o Senhor: não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha. O que nascer espontaneamente da tua colheita não o ceifarás, nem colherás as uvas da tua videira não podada; porque é um ano de descanso para a terra. Levítico 25:1-5.

Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; nele não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu gado, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e no sétimo dia descansou; pelo que o Senhor abençoou o dia do sábado e o santificou. Êxodo 20:8-11.

Juntos, os dois mandamentos do sábado identificam o contexto de Levítico vinte e cinco e vinte e seis. Reunidos, linha sobre linha, testificam que durante “seis dias trabalharás e farás todo o teu

trabalho” e durante “seis anos semearás o teu campo, e seis anos podarás a tua vinha e recolherás o seu fruto”. “Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus” e “o sétimo ano será um sábado de repouso para a terra, um sábado para o Senhor”.

Ambas as palavras que são traduzidas como "sétimo", em qualquer um dos mandamentos do sábado, seja o sábado para os homens ou o sábado para a terra, são a mesma palavra hebraica que é traduzida como "sete vezes" no capítulo vinte e seis de Levítico. O contexto dos capítulos vinte e cinco e vinte e seis de Levítico está inserido na regra profética de que um dia representa um ano na profecia bíblica. Igualmente significativa é a regra profética da primeira menção.

A primeira coisa mencionada nestes dois capítulos é o princípio dia por ano. William Miller foi guiado por Gabriel e outros anjos a identificar os “sete tempos” de Levítico como um símbolo de dois mil quinhentos e vinte anos, e isso está em plena concordância com o contexto dos capítulos, que é o princípio dia por ano exposto nos cinco versículos iniciais do capítulo vinte e cinco.

Quando o autor de Crônicas identificou a razão pela qual Babilônia foi autorizada a levar o reino do sul de Judá ao cativo, ele disse que foi para permitir que a terra desfrutasse do seu descanso sabático. O único outro lugar na Palavra de Deus que identifica a terra desfrutando de um descanso encontra-se nos capítulos vinte e cinco e vinte e seis de Levítico. Os setenta anos em que Babilônia reinou como o primeiro reino da profecia bíblica não apenas apresentam os anos simbólicos durante os quais a besta da terra reinaria como o sexto reino da profecia bíblica, mas esses setenta anos são uma referência direta aos “sete tempos” da maldição de Moisés.

Ao começarmos a estudar as profecias representadas nos seis primeiros capítulos de Daniel, é essencial saber que a maldição dos “sete tempos”, bem como a bênção dos “sete tempos”, são elementos de cada um desses capítulos.

Também é importante lembrar que o ciclo de sete ciclos de sete anos é marcado pelo toque da trombeta do jubileu no décimo dia do sétimo mês, que é o Dia da Expição. Esse fato vincula os "sete tempos" aos dois mil e trezentos dias de Daniel, capítulo oito, versículo catorze. Também é importante lembrar que um ano profético é de trezentos e sessenta dias e, se você somar trezentos e sessenta dias, repetidamente, por "sete tempos", isso equivale a dois mil quinhentos e vinte dias.

Quando Daniel compreendeu, pelos livros, o número de anos que Jeremias havia indicado, ele iniciou uma oração que aborda cada elemento da resposta de arrependimento identificada como necessária, caso o povo de Deus desperte para a realidade de que estão cativos na terra do inimigo. Ao final da oração de Levítico vinte e seis de Daniel, Gabriel apareceu para dar a Daniel entendimento da visão que ele havia “ouvido”, a visão dos dois mil e trezentos dias. Gabriel começou informando a Daniel que setenta semanas estavam “determinadas” para o povo de Daniel.

Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua cidade santa, para dar fim à transgressão, para pôr fim aos pecados, para fazer reconciliação pela iniquidade, para trazer justiça eterna, para selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo. Daniel 9:24.

A palavra traduzida como "determined" no versículo significa "cortado", e, portanto, significa que setenta semanas deveriam ser cortadas dos dois mil e trezentos dias. A partir do terceiro decreto, em 457 a.C., o povo de Daniel teria setenta semanas proféticas de tempo probatório. Setenta semanas proféticas equivalem a quatrocentos e noventa anos. Quatrocentos e noventa anos após o terceiro decreto, o antigo Israel apedrejaria Estêvão no ano 34 e estaria completamente divorciado de Deus.

O cativeiro que precedeu os três decretos, os quais identificam o ponto de partida dos quatrocentos e noventa anos de tempo probatório, foi de setenta anos. Esses setenta anos tinham por objetivo permitir que a terra desfrutasse dos descansos sabáticos que o antigo Israel nunca cumpriu. Os setenta anos de descansos sabáticos para a terra resultaram de quatrocentos e noventa anos (ou setenta semanas de anos) de rebelião contra o juramento de Moisés.

Quatrocentos e noventa anos de rebelião contra a aliança de Levítico vinte e cinco resultaram em setenta anos de cativeiro, para que a terra desfrutasse do seu descanso. Os setenta anos de cativeiro levaram a três decretos, que assinalaram mais quatrocentos e noventa anos de tempo probatório para o antigo Israel. Assim, vemos dois períodos probatórios de quatrocentos e noventa anos cada. Os três decretos tipificam as três mensagens angélicas, a primeira das quais chegou em 1798, no fim da primeira indignação de "sete tempos" contra o reino do norte. O terceiro anjo chegou dois mil e trezentos anos depois do terceiro decreto, em 22 de outubro de 1844, que é quando "o derradeiro fim da indignação" também chegou.

Durante os quarenta e seis anos entre o fim da primeira indignação e o fim da última indignação, Jesus lançou o alicerce do templo milenar, sendo a pedra fundamental os "sete tempos". Essa pedra seria, para o Adventismo, no início, ou a pedra fundamental (ou então a pedra de tropeço), e, no fim, ou a pedra de remate e a pedra de fecho (ou então a lápide). Os três decretos que representam a chegada das três mensagens angélicas na história de 1798 a 1844 também representam os três primeiros capítulos do livro de Daniel.

Começaremos a considerar os seis primeiros capítulos no próximo artigo.

"Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem melhor compreendidos, os crentes terão uma experiência religiosa inteiramente diferente... Uma coisa certamente será compreendida pelo estudo de Apocalipse — que a conexão entre Deus e Seu povo é estreita e firme." A Fé pela Qual Vivo, 345.